Prefácio

Alvanita Almeida Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, A.A. Prefácio. In: ARAÚJO, N.A. *Poética oral do samba de roda das margens do Velho Chico* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 11-14. ISBN: 978-85-232-2031-0.
<https://doi.org/10.7476/9788523220310.0001>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Se, na epígrafe, o trecho que Nerivaldo apresenta de Carlos Nogueira já nos dá o tom da importância de pensar as poéticas orais, por esse lugar de vivência do cotidiano, para a poesia oral, também aparece nas canções estudadas a experiência desse lugar do dia a dia. Sambadeiras e sambadores levam para suas *performances* os sentidos diários que lhe são caros e que se configuram como suas formas de ver o mundo.

A proposta explicitada logo de início é de uma viagem pelas águas poéticas do Velho Chico, inspiradora da poesia que se foi construindo à sua margem, das narrativas orais em prosa e verso às canções para o compasso do samba ribeirinho. Então, navegar é preciso! E, valendo-se das redes tecidas pelas mulheres, pescar os sentidos das identidades engendradas nessas margens, de múltiplas facetas. Eleito no foco da análise, conhecemos o grupo de samba de roda “É na pisada ê”, que existe desde o início do século XX, mantendo-se até hoje, atravessando gerações.

E as gerações harmonizam-se na *performance* do samba ribeirinho. Como diz Nerivaldo, mulheres, homens, jovens, crianças, todos vão se envolvendo nessa tecedura da margem – do rio e da vida social. São pessoas que raramente veem sua criatividade em reconhecimento. E, no estudo apresentado, saem desse lugar para ganhar vida na visibilidade de suas cantigas, danças e o gingado próprio de sua arte posta em prática. Nas relações de força em constante tensão, as poéticas ribeirinhas saem das margens para se tornarem força cultural, espaços de poder.

Nessas práticas, podemos ainda, conforme nos convida o texto, enxergar lugares de resistência e de luta contra as formas opressoras de tornar subalternos os discursos das classes econômicas menos favorecidas e de relegar a segundo plano elementos de outras identidades, como as de negros e de mulheres. A noção de acolhimento que o autor nos traz, a partir de Munanga, com a ideia dos quilombos como lugar em que são acolhidos todos os oprimidos da sociedade,

também acentua um caráter afetivo e solidário bem próprio das culturas e práticas populares, inclusivas por excelência.

É também lugar de luta para preservar a memória coletiva, fruto de um processo de mestiçagem nada pacífico. Foi mesmo violento, até na maneira como se tentou apagar os vestígios das culturas minoritárias (negra e indígena), a partir da afirmação de sua inexistência (sempre pela negação, como nos dizem os autores que discutem os processos de colonização, sobre o discurso do colonizador acerca do colonizado – não é, não tem...); por mais que seja evidente sua presença. Além disso, os discursos que tentam diminuir o seu valor, desvalorizando as produções advindas desses grupos, ecoam nos projetos de construção e/ou consolidação de uma identidade nacional que primam por tentar apagar a diversidade.

Nesse sentido, a contribuição que o trabalho empreendido por Nerivaldo traz diz respeito à visibilização de tais práticas, tornando-as conhecidas à luz de uma sensibilidade que abandona o lugar de observador de um espetáculo, como muitas vezes acontece em propostas que trazem uma falsa ideia de valorização, uma vez que, em geral, reforçam apenas os estereótipos e revelam pouco da riqueza simbólica dessas produções. Nesse trabalho, o autor recupera as histórias esquecidas dos povos que fizeram parte da constituição da região do São Francisco, negros e índios, em especial, embora não descarte a inegável herança do colonizador, através da análise das canções em *performance* do samba de roda ribeirinho.

Na perspectiva de uma poética própria da oralidade, o samba de roda é estudado, então, como uma prática peculiar da região do São Francisco que evidencia os valores e crenças da cultura ribeirinha. Mesmo que dialogando com práticas ibéricas das canções, o samba de roda sofreu e talvez ainda sofra com o preconceito de ter sua marca de matriz negroafricana acentuada. A força do ritmo dos instrumentos e das mãos (instrumentos também) sobreleva-se no conjunto do grupo. O corpo marcado pela vida e pelas poéticas da região surge como principal ator nas *performances*.

Ressalta-se aqui ainda o respeito demonstrado pelo pesquisador para com as comunidades ribeirinhas, procurando torná-las coparticipantes do estudo e posicionando-se a partir de uma escuta que buscou reverenciar os atores de fato importantes nas atuações nos espaços de apresentação, para compreender o lugar social do grupo que estudava – “É na pisada ê”. Assim também não deixa

de fundamentar suas reflexões conforme os estudos que já se anteciparam em questões como afrodescendência, hibridismo, poética oral, tradição oral, valendo-se do lastro teórico que dialogue como os sujeitos envolvidos.

Na leitura do texto, continuamos a navegar em viagem junto com Nerivaldo, conhecendo algo da região de Xique-Xique, a qual, nos diz, “carrega em si uma excentricidade natural”. Quer-nos fazer ver assim como são encantados os espaços e o povo desse lugar, singular em sua diversidade. O autor extrai do conceito de “escrevivência”, de Conceição Evaristo, o lugar que ocupa ao longo de seu estudo, no qual se propôs a escrever/viver a comunidade, através da poética do samba de roda. Em um “escrever junto”, um processo de escrever vivendo, segue pelas margens do rio e pelas margens da história do samba no Brasil.

Fruto de um trabalho acadêmico, o autor oferece um caminho mais ameno para o leitor já na proposição dos títulos: “‘Escrevivendo’ uma região e um samba de roda” – situa o leitor na região em que está a comunidade e na história do samba, para uma conexão com o samba ribeirinho; “O samba das margens como documento de memória e lugar de representação das identidades” – em que caracteriza o samba de roda em sua diversidade cultural, formado pelos povos que se encontraram nessa formação; “A poética do corpo no samba de roda das margens do Velho Chico” – a apresentação dos corpos que performatizam o samba de roda ribeirinho, corpos que falam para além das letras das canções e para além do ritmo dos instrumentos; “O retrato de uma comunidade pespontado nas cantigas do samba de roda” – é o “retrato” do samba de roda próprio da comunidade das margens do São Francisco, que, com o grupo “É na pisada ê”, vai se mantendo entre variações e permanências para não perder sua identidade, atentando mesmo para a presença feminina em suas práticas; “O aspecto formal das cantigas de samba do grupo ‘É na pisada ê’” – propõe uma caracterização que, fundada na simplicidade, traz uma riqueza de símbolos e de ritmos, ao mesmo tempo, preservando uma tradição e acrescentando elementos inovadores; “Tecendo redes poéticas, ‘linhavando’ identidades ribeirinhas: considerações provisórias” – capítulo de confluência das reflexões, retomando considerações sobre os elementos que compõem a poética oral do grupo de samba de roda, cuja *performance* reflete uma identidade local que se fez de várias identidades, mas que tiveram nas águas do rio, na cadência dessas águas, seu lugar de convergência.

A perspectiva que foi considerada no estudo do trabalho é um elemento fundamental para sua relevância, pois encontra no sentido da resistência – da resistência em prol da preservação de sua identidade – o aspecto norteador da análise da poética do samba de roda ribeirinho, configurado no grupo “É na pisada ê”. Na composição poética, com seus traços peculiares, jeito harmonioso de manter-se na diferença, preservando os valores de uma tradição, vemos a beleza e a riqueza de uma comunidade se fazendo ver.

Sambadeiras e sambadores, como vemos na exposição, são corpos que fazem ecoar suas vozes nas cantigas, nas “pisadinhas”, nos instrumentos que acompanham a *performance*. Mulheres e homens imbuídos de um senso de pertencimento, de vontade de continuidade de suas verdades, tornam-se presença forte nas palavras de Nerivaldo. À revelia de todas as outras vontades que tentam se impor para empurrar ao fundo os traços de identidade dos grupos à margem, são corpos que se mantêm lutando contra a correnteza e, por vezes até se deixando levar por ela, para não afundar nos pântanos da massificação.

O convite que fica para os leitores – e também um aviso – é para não se afastar muito das margens do Velho Chico, em suas canções, história, poesia, cantos e encantos. Convite, porque se propõe que muito se tem para aprender e viver com a cultura que fervilha nessas margens, como já se disse, formada no hibridismo que vem das interseções, dos encontros, dos dissensos e dos consensos, das negociações e das resistências. Aviso, porque não é de vontade somente que se volta às águas, elas são “embamburradas” e são “encantadas”, puxa como redemoinho que não deixa voltar à tona, enreda e não há como desapegar.

O “linhavo” da canção, apenas cose sem prender muito, para deixar livre, sem arrematar. Longe de querer fechar, propõe chegar, dar uma espiada, embrenhar-se, mergulhar com cuidado, pelas margens, sempre aportando nas beiras do rio. Se atender ao chamado do rio, pode se jogar, mas com carinho e afeto, no “passinho”, no “miudinho”. A pisada tem que ser com respeito.

Alvanita Almeida Santos

Novembro/2016